

ta. Suspeitam que ela seja o resultado de uma confusão sobre a natureza da ciência e a natureza do misticismo. Quanto à filosofia em si, há muito considerou essa busca sem solução, incapaz de proporcionar “lucros” filosóficos ou profissionais, um mau investimento de tempo. Contudo, é o que tem mais importância para mim. Empenhei-me em avaliar a produtividade e a integridade de um estudioso pela busca da totalidade. Essa é uma prioridade a que nada se compara. Transmitir tal coisa aos outros chega aos limites da autobiografia espiritual, que decidi reduzir ao mínimo.

Fato é, entretanto, que minha odisséia me levou de uma extremidade a outra da América, três vezes à Europa e finalmente à Ásia: sul da Índia e norte do Nepal. Levei minha pesquisa a Bohm e a Krishnamurti, entre os laranjais da Califórnia; ao padre Bede Griffiths, em seu *ashram* cristão do tórrido interior indiano; aos saguões da Universidade de Cambridge, com seu principal astrofísico, Stephen Hawking; ao prêmio Nobel Ilya Prigogine, na agitação de Nova York; ao sossegado mosteiro do dalai-lama na Suíça; a um retiro alpino, para novo encontro com Krishnamurti; a locais mais prosaicos como Princeton, Westchester County, Syracuse e Londres, onde conversei em várias ocasiões com Sheldrake, o lama Govinda e Bohm.

Mas meu diálogo mais profundo se deu no silêncio: no Nepal, aonde fora para ver o Himalaia. Sua grandiosidade, calma e beleza sobrenatural tocaram-me tão fundo que essas montanhas passaram a ser o meu símbolo de aspiração espiritual. Avistá-las evoca um sentimento de reverência diferente de tudo o que já presenciei, exceto, talvez, a visão de uma galáxia pululante de centenas de bilhões de estrelas.

Sempre me senti próxima à natureza. Sua presença já era real para mim muito antes de saber algo a respeito das leis sob as quais atua; uma consciência pré-reflexiva, mas definida, embora infantil, da existência da natureza. Voltando no tempo, percebo que desde minha infância mais remota sentia “alguma coisa” no primeiro, e mesmo no segundo plano da natureza. A beleza e a profusa variedade de suas formas funcionaram como fonte de real significado em minha vida, e desde o começo senti uma afinidade com os frutos da natureza: animais, plantas, rochas, florestas, águas, terra, céu e até as remotas galáxias e estrelas. Ninguém me ensinou isso; simplesmente despertei para o mundo convicta de minha ligação com aquelas coisas. Esse sentimento, co-

num na infância e freqüentemente perdido quando crescemos, permaneceu comigo.

Só bem mais tarde aprendi os nomes desses sentimentos — imanência e transcendência de uma força na natureza — e soube que outros sentiram a mesma coisa e escreveram a esse respeito. A busca da fonte moldou minha vida e meu trabalho. O que realizei de importante o fiz na esperança de penetrar os véus que ocultam a face da natureza.

Empreendi o estudo da filosofia na universidade porque a filosofia parecia sustentar a promessa de conduzir além desses véus, de descortinar a realidade por trás das aparências. Nessa crença, fui encorajada por Platão, o primeiro filósofo com quem travei conhecimento. Foi o começo de uma jornada intelectual e espiritual.

Entretanto a filosofia, por sua vez, não pode, por si mesma, cumprir o que parece prometer. Ela parte de um ponto muito distanciado do estudo dos processos da natureza, e, em sua roupagem moderna, ignora a natureza como um todo, deixando essa tarefa para os cientistas. Busquei a estrutura íntima das coisas, que — embora tenha sido outrora campo de atuação da filosofia — tornou-se no século passado o âmbito da ciência. A física, um passo mais próxima da natureza, parece debruçar-se sobre a estrutura íntima, mas descobri, anos depois, que o misticismo se aproxima mais de tudo por ser mais abstrato, e, também, mais penetrante que a ciência, mais obcecado pela simplicidade e a unidade. Tal fato está contido na ordem severa de Eckhart: “Para descobrir a natureza em si, todas as suas formas devem ser despedaçadas”.

Cada um desses domínios oferece sua recompensa, uma parte daquilo que procuro, mas revela lacunas. Sozinho, nenhum pode proporcionar uma visão coerente das coisas. Fritz Kunz (como assinalei nos créditos) foi quem me conscientizou de que busco a integração de tudo — filosofia, ciência, misticismo — e de que essa busca não é vã, apenas prematura. Só nas últimas décadas é que o movimento rumo à unidade desses domínios floresceu na cultura americana, e ainda assim no seio de uma minoria, que, entretanto, vai crescendo mais e mais.

Uma vez que constituem a base deste livro, quero definir melhor a filosofia, a ciência e o misticismo. Minha perspectiva, aqui, não é exaustiva nem “profissional”, mas simplesmente pessoal. (O leitor que se interessar por minha visão acadêmica sobre o assunto poderá obtê-la em meus